

# Metadiscursividade, argumentação e referencialização

(Metadiscourse, argumentative text and referential expressions)

Mônica Magalhães Cavalcante<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Ceará (UFC)

[monicamc02@gmail.com](mailto:monicamc02@gmail.com)

**Abstract:** We discuss in this work the notion of metadiscursivity, which has been sustained in the work of Hyland. In this approach are involved aspects of textual structure that go beyond the content and show the communicative and social engagement of the enunciator in what he enunciates to the co-enunciator. The author sees as metadiscursive every strategy used by the enunciator to project his communicative intentions in the enunciate. However, when analyzing the data, Hyland restricts the scope of the phenomenon, conditioning it to the occurrence of expressions indicating the stance of the enunciator and the engagement of the co-enunciator. We will show from excerpt of texts of various genres that referential expressions can play the role of such metadiscursive expedients, which collaborate on the effectiveness of an argumentative text.

**Keywords:** Metadiscourse; referential expressions; stance; engagement.

**Resumo:** Discutimos, neste trabalho, a noção de metadiscursividade que vem sendo sustentada nos trabalhos de Hyland. Esta perspectiva envolve aspectos da estrutura textual que vão além do conteúdo e revelam o engajamento comunicativo e social do enunciador naquilo que enuncia para o co-enunciador. O autor considera como metadiscursiva toda estratégia de que se vale o enunciador para projetar no enunciado suas intenções comunicativas. Todavia, ao analisar os dados, Hyland restringe o escopo do fenômeno, condicionando-o à ocorrência no texto de expressões indicativas do posicionamento do enunciador e do engajamento do co-enunciador. Mostraremos, a partir de excertos de textos de gêneros diversos, que as expressões referenciais constituem um desses expedientes metadiscursivos que colaboram para a eficácia argumentativa de um texto.

**Palavras-chave:** Metadiscorso; expressões referenciais; posicionamento; engajamento.

## Introdução

Iniciaremos esta discussão contrapondo a noção de metadiscorso na perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa e à visão de metadiscursividade da Linguística Aplicada. O foco recairá, no entanto, sobre o ponto de vista que vem sendo sustentado nos trabalhos de Linguística Aplicada, pela estreita relação que estabelecem com a construção da argumentatividade e pela grande quantidade de estudos sobre metadiscorso nessa área. Ao final, refletiremos sobre os tipos de estratégia metadiscursiva que envolvem processos de referencialização, sobretudo as expressões anafóricas que se recategorizam, colaborando para a eficácia argumentativa e para a negociação da construção de objetos de discurso.

Para Hyland (1998), o metadiscorso consiste essencialmente de várias ocorrências textuais que guiam ou direcionam os leitores para o modo como eles devem

compreender, avaliar e responder ao conteúdo informacional. Os trabalhos sobre metadiscursos em Linguística Aplicada partem do pressuposto de que todo uso da linguagem está relacionado a contextos sociais, culturais e institucionais.

O objetivo dos trabalhos mais recentes na área, dentre eles o de Hyland (2005), tem sido propor um modelo de discurso interpessoal que unifique os traços da própria escrita acadêmica. A pergunta que Hyland e outros pretendem responder dentro desta perspectiva é: como os escritores de gêneros acadêmicos realmente usam a linguagem para expressar um posicionamento e para se reportarem a seus leitores, de modo a conquistar sua adesão (engajamento).

## **Metadiscursos e heterogeneidade discursiva na Análise do Discurso**

Para a Análise do Discurso de orientação francesa, a identificação do metadiscursos se deixa guiar pelas manifestações de heterogeneidade enunciativa, tal como foram definidas, dentro da Linguística da Enunciação, por Authier-Revuz (1990), ao descrever as não-coincidências do dizer.

Na Linguística da Enunciação, essa noção de metadiscursividade é denominada por Authier-Revuz como *metaenunciação reflexiva*, e aparece no fio do discurso, na linearidade sintática, como um momento pontual da enunciação no enunciado, através do qual o sujeito se deixa revelar como uma entidade clivada, dividida. A língua falha, e o sujeito procura como que obturar essa falta, porque tem ciência de que a linguagem não está bastando, de alguma forma, para expressar satisfatoriamente uma intenção comunicativa, de vez que parece não nomear a contento, algumas vezes, o que se quer expressar. Refletir sobre aquilo que enuncia é ter, pois, uma atitude metaenunciativa; tentar encontrar a maneira mais apropriada de construir uma entidade, um objeto de discurso, é uma estratégia de referenciação, já que o referente é uma representação que construímos das coisas durante nossas práticas sócio-comunicativas. Não é um objeto do mundo nomeado pelas palavras, mas uma imagem que fabricamos deles. Nada é estável e imutável, nem os conceitos, nem os referentes, nem os próprios objetos do mundo. Depende de como são percebidos e modelados pelos indivíduos nas práticas sociais.

Olhar para o modo como se nomeiam os referentes, ainda que esses referentes sejam a própria expressão do dizer, é, última análise, lidar com processos de referenciação. Esta é a razão pela qual insistimos na ligação estreita entre as estratégias metadiscursivas e os processos de referenciação. Citemos os quatro casos de não-coincidências descritos por Authier-Revuz (1998) – os exemplos foram extraídos de nossos dados.:

a) não-coincidência interlocutiva<sup>1</sup>:

- (01) “Nossa opinião é que esta função ou efeito pode ser descrita muito genericamente como simulação da realidade” (artigo de pesquisa - APOTHÉLOZ, D., REICHLER-BÉGUELIN, M.-J., 1999).

---

<sup>1</sup> Segundo Fonseca (2007, p. 172-3): “o enunciatador convoca o Outro a assumir com ele uma enunciação, como que receando enunciar sozinho, ou como se solicitasse assistência para (se) enunciar”.

b) não-coincidência interdiscursiva (quando o enunciador, reconhecendo que seu posicionamento discursivo não é único, admite considerar também o dizer do outro, que o afeta):

- (02) “O sujeito é, antes de tudo, apenas um ser-falante, não sei se esse termo é apropriado ao escopo das pesquisas estruturais como a que pretendemos realizar” (PERINI, M., em Ensaio publicado pelo portal da Editora Parábola, julho/2006)

c) não-coincidência das palavras com as coisas (quando o enunciador tem ciência de que o modo como está nomeando o referente não atende satisfatoriamente ao que necessita designar com mais precisão):

- (03) “A relação existente entre os elementos do texto deve-se à intenção do falante, ao plano textual previamente estabelecido, que se manifesta por meio de instruções ao interlocutor para que realize operações cognitivas destinadas a compreender o texto em sua integridade, isto é, o seu conteúdo e o seu plano global; ou seja, o ouvinte não se limita a ‘entender’ o texto, no sentido de ‘captar’ apenas o seu conteúdo referencial, mas necessita, isto sim, reconstruir os propósitos comunicativos que tinha o falante ao estruturá-lo, isto é, descobrir o ‘para quê’ do texto.” (KOCH, I.G.V. – apresentação em mesa-redonda – Gelne, 2006)

d) não-coincidência das palavras consigo mesmas<sup>2</sup>:

- (04) “Os defensores da abordagem semântica reivindicam que a propriedade principal do SN demonstrativo é sua dimensão dêitica, no sentido tradicional do termo.” (artigo de pesquisa - APOTHÉLOZ, D., REICHLER-BÉGUELIN, M-J., 1999).

Ao mesmo tempo, porém, em que o sujeito tem consciência da insuficiência das formas da língua para expressar suas intenções, encontrando nas formas de não-coincidências do dizer um paliativo natural para ter a ilusão de que é senhor de seu dizer, ele também se esconde, inconscientemente, no que ele expressa. O propósito de Authier-Revuz (1998) não recai, todavia, sobre explicações psicanalíticas, de modo que, reconhecendo que a linguagem emerge num ambiente não-Um, já que o sujeito é clivado<sup>3</sup>, a autora se ocupa em elaborar inventários de formas de heterogeneidade e as descreve, apresentando vários exemplos de expressões de não-coincidências do dizer.

Foram essas expressões de não-coincidências do dizer que foram incorporadas à Análise do Discurso francesa para servirem de marcas do fenômeno da metadiscursividade. Mas, ao contrário de Authier-Revuz, que sobrevaloriza a caracterização de um inventário formal, Charaudeau e Maingueneau (2004) se utilizam das formas metadiscursivas para explicar as funções discursivas que tais marcas ajudam a realizar. Leia-se, a seguir, o comentário dos autores sobre o metadiscurso:

---

<sup>2</sup> Ainda de acordo com Fonseca (2007, p. 178): “As não-coincidências das palavras consigo mesmas remetem a fenômenos próprios do sistema lingüístico: da polissemia e da homonímia, que ocasionam, com frequência, distúrbios de compreensão, interferências interpretativas e ‘equivocos do dizer’.”

<sup>3</sup> Fonseca assim explica a clivagem do sujeito, tendo em conta a perspectiva da Lingüística da Enunciação e a Análise do Discurso: “entendemos o discurso como uma dispersão de textos caracterizados por uma dispersão de sujeitos que são, por sua vez, duplamente clivados: primeiro, o sujeito é cindido pelo discurso inconsciente dividido entre si e o Outro, marcado por seu desejo nunca realizado; e, segundo, o sujeito é sempre interpelado pela história, clivado pela ideologia e coagido pelas leis do dizer” (FONSECA, 2007, p. 64).

O locutor pode, a qualquer momento, comentar sua própria enunciação no interior mesmo dessa enunciação (...) ao mesmo tempo em que se realiza, a enunciação avalia-se a si mesma, comenta-se, solicitando a aprovação do co-enunciador. (...) O metadiscurso pode igualmente recair sobre a fala do co-enunciador, para confirmá-la ou reformulá-la. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 326-7)

Agora, veja-se como um analista do discurso utiliza as formas do metadiscurso para explicar a que elas se prestam durante as práticas discursivas – o foco se desloca para a função:

Autocorriger-se: eu deveria ter dito, mais exatamente;  
Corrigir o outro: você quer dizer, na realidade, que;  
Marcar a inadequação de certas palavras: se se pode dizer, por assim dizer;  
Eliminar antecipadamente um erro de interpretação: no sentido exato, metaforicamente;  
Desculpar-se: se eu posso me permitir;  
Reformular o propósito: dito de outra forma, em outras palavras. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 326-7)

Examinaremos, no item seguinte, como a preocupação dos teóricos da Lingüística Aplicada que têm lidado com metadiscursividade se distancia do quadro de uma enunciação em sentido amplo, aquela que opera na dimensão do discurso e que considera aspectos ideológicos, relacionando-os às regras do dizer. Acreditamos que o estudo da metadiscursividade em Lingüística Aplicada esteja atrelado a finalidades argumentativas; dentro deste viés teórico, trabalhar, com escritores iniciantes, os recursos argumentativos de uma língua é fundamental para melhorar-lhes o desempenho na escrita. Este é, na verdade, o grande objetivo dos estudiosos dessa área.

## **A noção de metadiscurso para a Lingüística Aplicada**

Se nos perguntarmos qual a abrangência da noção de discurso para essa abordagem, diremos que a noção de discurso, nesta perspectiva, fica restrita às relações entre as formas metadiscursivas e as normas e expectativas de comunidades culturais e profissionais particulares. O uso de expressões metadiscursivas depende de relacionamentos interpessoais e intertextuais apropriados para uma dada comunidade discursiva. Mas, nesses estudos, não há reflexões sobre aspectos interdiscursivos, ou sobre condições de produção. Diríamos, portanto, que a visão de discurso, aqui, corresponde a uma enunciação em sentido estrito, que vai pouco além do entorno comunicativo imediato.

Partindo do pressuposto de que todo texto supõe o engajamento social entre escritores e leitores, Hyland concebe o metadiscurso como um conjunto de estratégias pelas quais os enunciadores se projetam no texto assinalando suas intenções comunicativas. Trata-se de um modo de organização do texto/discurso pelo qual o enunciador se posiciona tanto em relação ao seu conteúdo quanto em relação ao seu leitor.

*Posicionamento* é uma dimensão centrada no *eu*, que expressa as atitudes do escritor, o modo como ele se apresenta no discurso, como ele constrói seus julgamentos, opiniões e comprometimentos, para demonstrar sua autoridade no meio.

*Engajamento* é uma dimensão de alinhamento, centrada no *tu*, pela qual o escritor reconhece a presença dos leitores, invocando-os ao longo da argumentação, focalizando sua atenção, (re)conhecimentos e incertezas, de maneira a guiar suas interpretações.

Os trabalhos de Hyland têm se voltado, principalmente, para a elaboração de textos do discurso acadêmico. Muitos dos gêneros acadêmicos se manifestam por textos *composicionalmente argumentativos* (ver sobre *seqüências textuais* em ADAM, 1992), e é precisamente neste ponto que entrevemos a ligação entre argumentatividade e marcas de metadiscurso. Para Hyland, o metadiscurso é uma indicação de resposta do escritor para uma negação potencial de suas reivindicações, uma intervenção para engajar o leitor e antecipar objeções possíveis ou dificuldades de interpretação. O autor defende que o papel do escritor no discurso acadêmico é retórico, no sentido de que deve haver um investimento na escolha das estruturas lingüísticas para, por meio delas, se expressar coleguismo, resolver dificuldades e evitar disputas.

Uma questão que sobrevém a essa constatação é se tal noção de metadiscurso se aplica do mesmo modo a gêneros que são praticados não exatamente por uma comunidade discursiva bem delimitada, como a acadêmica. Cremos que nem sempre é possível afirmar que o metadiscurso atende às práticas discursivas convencionais de uma comunidade discursiva disciplinar, como pretende Hyland (1998), quando diz que os escritores organizam os textos de acordo com certos padrões de significado convencionados dentro de cada comunidade discursiva. Para o autor, as estratégias metadiscursivas constituem um desses padrões. Elas asseguram que as informações sejam adaptadas às normas e ideologias dessa comunidade. Daí o cuidado com a relação entre metadiscurso e gênero. No entanto, as análises não nos parecem enveredar por discussões de cunho ideológico.

A ênfase, de fato, incide no pressuposto de que toda estratégia metadiscursiva é argumentativa. Para Hyland, o metadiscurso é a manifestação lingüística e retórica do autor no texto para organizar o discurso. Isto converge para o pensamento de Bazerman (2005), para quem os escritores antecipam conhecimentos prévios da audiência, considerando suas possíveis reações, processando problemas, interesses e expectativas interpessoais. Ao mesmo tempo, também os leitores fazem um percurso semelhante: tentam predizer linhas de pensamento e enquadramentos teóricos a partir de seus conhecimentos do assunto e de seus objetivos pessoais de pesquisa<sup>4</sup>.

Hyland alega que os membros da comunidade discursiva acadêmica só reconhecerão como válidas e efetivas certas formas de argumento e, assim sendo, os escritores tentarão apresentar seus resultados e interpretações dos dados de maneira persuasiva, expressando seus *posicionamentos* e *engajando* sua audiência. Por isso a avaliação (ou metadiscurso) é fundamental para ganhar a credibilidade dos colegas através de escolhas retóricas.

A relação que nos propomos estabelecer entre metadiscurso e referenciação nos permite indagar, neste ponto, se todo emprego de expressão referencial é argumentativo

---

<sup>4</sup> É também este o pensamento de Beke (2005, p. 2): “A través del escrito, los autores recurren a estrategias retóricas y discursivas para persuadir a sus lectores, proyectarse como persona, señalar el grado de certeza del contenido proposicional de su discurso (o discurso primario), evaluar sus proposiciones y controlar la situación de comunicación en función de sus objetivos.”

e, ao mesmo tempo, metadiscursivo. Podemos sustentar que toda escolha de modos de designar referentes supõe uma finalidade argumentativa, sim.

Distanciar-se do próprio texto e refletir sobre as denominações mais adequadas para as entidades dentro de contextos particulares é, para nós, uma estratégia metadiscursiva, por excelência. Mas daí a afirmar que todo emprego de expressão referencial se descreve como um recurso metadiscursivo é uma conclusão não-autorizada, porque, conforme mostraremos no item seguinte, existem, na literatura sobre o assunto, quadros classificatórios de marcas metadiscursivas já preestabelecidas, e é justamente essa tipologia que não valida a afirmação de que todo uso de expressão referencial é metadiscursivo.

## A proposta de Hyland

A primeira proposta de Hyland, em 1998, se baseava em Crismore et al. (1989) e distinguia entre metadiscorso textual e metadiscorso interpessoal, tomando como critérios classificatórios as dimensões da evidencialidade (compromisso do autor com a verdade das proposições); da confiabilidade, da força e dos modos de manipular as marcas textuais para atingir as metas interpessoais; do afeto (atitudes pessoais e profissionais de quem diz com relação ao que diz); e da relação (compromisso do autor com seus leitores e o grau de distanciamento entre eles).

O metadiscorso textual incluía, segundo Hyland (1999), certas marcas pelas quais os autores organizam seu texto de modo a torná-lo coerente para seus leitores. Já o metadiscorso interpessoal compreendia um conjunto de estratégias interacionais e avaliativas que denunciavam claramente como o autor se posicionava frente ao que dizia e qual a sua expectativa com relação à possível audiência.

Pensamos que, com o avançar das pesquisas, foi-se revelando cada vez forte a tendência a não estabelecer uma separação rigorosa entre o que é interpessoal e o que é textual. Com isso, foi-se, aos poucos, buscando priorizar as finalidades interpessoais e considerar as marcas de metadiscorso textual como expedientes usados pelo escritor para incrementar suas estratégias interacionais e avaliativas.

Em 2005, Hyland lança as bases de uma outra organização classificatória tendo em vista uma tipologia de marcas que assinalem o esforço persuasivo do escritor para conquistar sua audiência. Para o autor, a interação persuasiva se constrói sobre dois pilares conceituais: o *posicionamento* e o *engajamento*. Cada um desses parâmetros abriga subtipos, que podem ser visualizados na Figura 1:

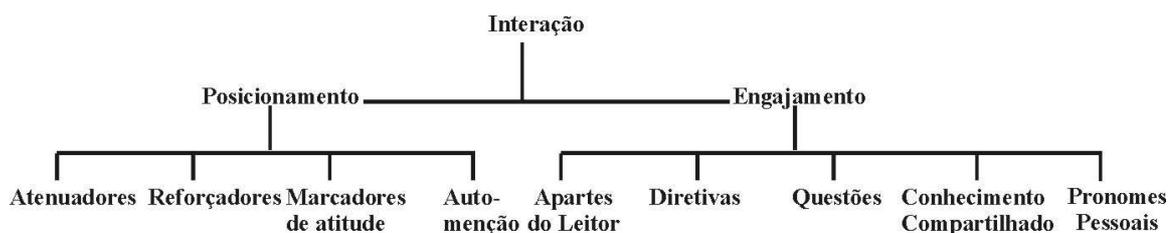


Figura 1. Recursos-chaves de interação acadêmica

Hyland apresenta três traços para o posicionamento: a evidencialidade, a inclinação (o afeto) e a presença. A evidencialidade diz respeito ao comprometimento do escritor frente ao que ele diz e frente ao impacto que trará para o leitor. O afeto, ou a inclinação, envolve as atitudes pessoais e profissionais em relação ao que diz, incluindo emoções, perspectivas e crenças. A presença concerne à extensão com que o escritor se projeta no texto.

Como evidencia a Figura 1, os marcadores de *posicionamento* (todos relacionados ao próprio escritor) constituem *atenuadores*, *intensificadores* (*ênfaticadores*, *reforçadores*), *marcadores de atitude* e *marcadores de automenção*.

- ▶ A) Atenuadores – são matizadores discursivos; indicam a força que os escritores calculam para dar à afirmação apenas um certo grau de precisão, tentando torná-la confiável ao leitor. São recursos como *possível*, *pode*, *talvez*. Expressam, portanto, a imprecisão e a dúvida. É uma estratégia que confere modéstia ao posicionamento e deferência às visões dos colegas.
- ▶ B) Intensificadores – são elementos apelativos que se opõem à atenuação por expressarem certeza, convicção e firmeza, através de palavras como claramente, obviamente, demonstrar. Funcionam como uma ênfase dada a uma informação compartilhada.

Tanto os intensificadores quanto os atenuadores representam uma resposta do escritor aos pontos de vista potenciais dos leitores e ao reconhecimento das normas disciplinares da argumentação apropriada. Eles promovem, assim, um balanço entre a informação objetiva, a avaliação subjetiva e a negociação interpessoal, e isto pode representar um poderoso meio de conseguir a aceitação do que se quer demonstrar. Ambas as estratégias revelam que as afirmações não apenas comunicam idéias, mas também expressam a atitude do escritor com relação a elas e a seus leitores.

- ▶ C) Marcadores de Atitude - indicam a atitude afetiva do escritor ante as proposições, transmitindo surpresa, concordância, importância, frustração. Expressões prototípicas: *concordar*, *preferir*, *infelizmente*, *apropriado*, *observável*. O escritor assinala uma necessidade de invocar o leitor a concordar com suas atitudes, julgamentos e reações ante o material investigado. Tome-se como exemplo:

(05) “A verdadeira ruptura com o paradigma tradicional deu-se a partir da publicação, em 1980, da obra, já Clássica...” (Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007)

- ▶ D) Marcadores de automenção - indicam a presença ou ausência de uma referência explícita ao autor do texto. São assinalados pelo uso de pronomes pessoais de primeira pessoa, por pronomes possessivos, dentre outros. Ao empregá-los, o escritor não pode evitar projetar suas impressões no texto em relação a seus argumentos e a seus leitores. A presença ou ausência desses marcadores é, em geral, uma escolha consciente. Guardam, a nosso ver, relação direta com as expressões referenciais dêiticas.

Geralmente, evitam-se os pronomes pessoais para poder realçar o fenômeno em estudo e as descobertas, o que revela uma ideologia empiricista de tentar mostrar que os

resultados seriam os mesmos, independentemente de quem conduzisse a pesquisa. Vale atentar para o jogo de emprego (exemplo 07) e de não-emprego (exemplo 06) das expressões referenciais dêiticas de primeira pessoa, assinalando o posicionamento do enunciador frente ao que diz e a aparente impessoalidade do escritor:

- (06) “Considerando esse caráter público e privado do blog, este artigo apresenta uma análise relativa ao modo como o ethos é construído neste gênero. (...) Na seqüência, apresenta-se: uma breve revisão da literatura sobre blog; a noção de ethos, conforme tem sido discutida na literatura; e a análise dos dois blogs.” (Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 1, p. 149-174, jan./abr. 2008)
- (07) “Dentro dessa perspectiva, este trabalho se propõe a examinar uma das várias questões que surgem a partir desse desafio, sem abrir mão dos conhecimentos gerados pelo enfoque cognitivista. (...) Examinaremos também a possibilidade de um “argumento metafórico novo” (...). Neste artigo, inicialmente, apresentaremos uma breve discussão sobre as tendências mais recentes nos estudos da metáfora e da argumentação” (Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007)

As expressões metadiscursivas de engajamento, pelas quais o escritor considera a presença dos leitores e suas possíveis expectativas, se subdividem, conforme se infere da Figura 1, em *apartes do leitor*, *diretivos*, *perguntas*, *apelos ao conhecimento compartilhado*, *uso de pronomes pessoais de segunda pessoa*.

- ▶ *Apertes pessoais* – expressam a vontade do escritor de intervir explicitamente, interrompendo o argumento para oferecer um comentário sobre o que está sendo dito. É uma estratégia de orientação do leitor, ao mesmo tempo, pois permite ao escritor responder a uma audiência ativa. É, portanto, amplamente interpessoal.
- (08) “Parece-me que estas noções estão, de fato, necessariamente ancoradas no exterior da lingüística trazendo — de modo ingênuo ou teórico — concepções do sujeito e de sua relação com a linguagem; e que é inadequado para a lingüística não explicar sua relação com este exterior, pois quaisquer que sejam as precauções tomadas para delimitar um campo autonomamente lingüístico, num domínio como o da enunciação, o exterior inevitavelmente retorna implicitamente ao interior da descrição e isto sob a forma ‘natural’ de reprodução, na análise, das evidências vivenciadas pelos sujeitos falantes quando a sua atividade de linguagem.” (artigo de pesquisa - AUTHIER-REVUZ, J., 1990)
- ▶ *Apelos ao conhecimento compartilhado* - a noção de compartilhamento é freqüentemente invocada para contestar idéias dentro da argumentação do escritor. Mas Hyland se refere apenas à presença explícita de marcadores pelos quais o leitor é chamado a reconhecer algo como familiar ou aceitável. Fazendo isso, o escritor pressupõe que o leitor sustenta certas crenças e detém certos conhecimentos teóricos e metodológicos. Exemplos: “Evidentemente, sabemos que...”, “esta tendência obviamente reflete...”, “mais conhecido como...”.
- (09) “Olhando para os dados, percebemos que as características peculiares do gênero poderiam interferir nas negociações de sentido e, assim, favorecer algumas escolhas lingüísticas. Como é sabido, apesar de se verificar, nas listas de discussão, o distanciamento espacial e temporal (próprio da escrita) entre escritores e leitores, a redução drástica da distância temporal no funcionamento dos e-mails e a possibilidade de vários “debatedores” abrirem, em um determinado momento, uma mesma mensagem parecem criar, nos participantes, a “ilusão” de um espaço físico comum, onde as trocas se dariam em tempo real.” (tese – Maria Helenice Araújo Costa, 2008)
- ▶ *Diretivos* - orientam o leitor a realizar uma ação ou a observar algo de um modo particular. São marcados principalmente pelo imperativo, como *considere-se*,

*note-se, imagine-se*. Mas também podem ser representados por modalizadores deônticos, como *deve, tem que, necessariamente*, e por expressões do tipo “é importante compreender...”.

- (10) “É importante registrar que, embora a condensação das idéias do texto seja mais bem identificada numa frequência acentuada dos rótulos, a qual permite apontar a cadeia coesiva dos argumentos sumarizados, constituindo o “esqueleto” do projeto de dizer do autor, os rótulos, ainda que em menor ocorrência, sinalizam a idéia principal do texto ou sinalizam argumentos importantes para a manutenção do tópico discursivo. (artigo de pesquisa – Maria Angélica Freire de Carvalho)
- ▶ *Perguntas* - representam os marcadores interpessoais por excelência, porque convidam o leitor a se engajar, trazendo-o para a arena. Elas despertam o interesse do leitor e o encorajam a explorar problemas não resolvidos, como se falasse de igual para igual com o escritor.
- (11) “Da mesma forma, como as significações – a face semântica da regras – constituem propriedades estruturadoras? Como adquirem o poder de “organizar” a ação humana? Uma resposta pode ser iniciada com a seguinte afirmação: pensamentos provocam ações (artigo de pesquisa – José Luiz Meurer).
- ▶ *Pronomes de segunda pessoa* – estão geralmente direcionados ao leitor, como um modo de invocá-lo, de compartilhar com ele de um dado ponto de vista que está sendo explicitado. Uma das marcas mais prototípicas em textos acadêmicos é a do plural inclusivo, do tipo *vejamos, atentemos para, notemos que* etc.
- (12) “Freud (1905) observa que, se este chiste fosse reduzido para o que ele claramente significa, qual seja: “viajei com X tête-a-tête, e X é uma besta”, o dito espirituoso não existiria, uma vez que o chiste emerge se se omite “besta”, e, em sua substituição, o “t” de uma das “tête” converte-se em “b”. De modo que, com essa leve modificação, e apesar dela, a palavra “besta” suprimida encontra expressão. Freud chama esse tipo de chiste de “condensação acompanhada de leve modificação” (p.39). Vejamos mais esse exemplo (...)” (BRITO, M.A.P – projeto de tese, 2006)

## Conclusões

Seria, no mínimo, contraditório com uma perspectiva sócio-cognitivo-discursiva, que sustentamos dentro da perspectiva da Lingüística do Texto, aceitar uma classificação dada *a priori* de marcadores metadiscursivos. Defendemos, neste trabalho, que os parâmetros caracterizados por Hyland e seguidores constituam uma lista aberta, de modo a contemplar uma série de expressões que podem, em contextos apropriados, fazer as vezes de expressões metadiscursivas.

Propomos que as tipologias de mecanismos metadiscursivos passem a estabelecer relações entre tais marcas e os processos referenciais, que podem cumprir algumas das funções metadiscursivas classificadas na literatura.

Nesta pesquisa, constatamos que nem todos os mecanismos metadiscursivos classificados nas tipologias da área envolvem processos de referenciação, mas a maioria se associa aos usos referenciais para desempenhar a função argumentativa a que se presta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas (SP), n.19, dez. 1990, p.25-42.
- \_\_\_\_\_. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas/SP: Unicamp, 1998.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Ângela Paiva Dionísio, Judith C. Hoffnagel (orgs.); trad. de Judith C. Hoffnagel; revisão técnica de Ana Regina Vieira... [et al.]. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEKE, Rebecca. El metadiscorso interpersonal en artículos de investigación. **Revista Signos**, 2005, 38(57), p.7-18.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CRISMORE, A. **Talking with readers: metadiscourse as rhetorical act**. New York: Peter Lang, 1989.
- FONSECA, Carlos Magno V. **Escavando o discurso e encontrando o sujeito: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- HYLAND, K. Persuasion and context: the pragmatics of academic metadiscourse. In: **Journal of Pragmatics**, Hongkong, n. 30, 1998, p. 437-455.
- \_\_\_\_\_. Stance and engagement: a model of Interaction in Academic Discourse. In: **Discourse Studies**, Sage publications, 2005.